Prá onde voam os pássaros.

“Enquanto o machado rechina nos troncos e as labaredas fazem crepitar a folhagem enlutando de fumo o recesso virente, o homem não dá pelo mal, tão ávida é nele a cubiça, que só para o lucro tem olhos. Ai! Dele, a floresta vinga-se morrendo: onde cai esplana-se o deserto… e os espectros das florestas mortas são a fome, a sede, a enfermidade, os ciclones, as inundações.” (Coelho Neto – Discurso sobre a devastação das florestas – 1911)

Eu não imaginava que voar era algo tão belo. Poder ver as coisas aqui do alto, toda essa terra, esse horizonte.

O vôo era tão suave, no colo dessa ave cheia de plumas coloridas, gigante mas delicada, cujas asas batiam delicadamente. Sobre o seu pescoço eu me segurava, num abraço carinhoso.

Nós atravessávamos as nuvens, eram como algodão, só que molhado.

Eu ria muito.

E notava que o imenso pássaro correspondia a minha alegria. Fazíamos isso todos os dias ao final da tarde, sem que ninguém nos visse.

Conversávamos pelo pensamento.

Eu a chamava de “minha garota”.

Tudo tão agressivo aqui. Brincávamos os onze no chão batido, em frente a nossa casa humilde.

Casa de barro seco.

Havia várias janelas, para bastante luz entrar. Toda luz que pudesse ser aproveitada durante o dia. Sol sempre escaldante, essas janelas, de dia, permitiam muita claridade. À noite, sempre abertas, refrescavam o ambiente.

Ajudamos o pai a construir. Eu lembro. Foram dias e dias metidos entre água e barro e palhas. O pai trabalhava até de noite, para erguer mais rápido a casa.

Experimentava eu alegria de construir a minha própria morada. Ela ficou então com sabor daquela festa e da união de todos nós.

As coisas vividas tem mais sabor mesmo.

Fazia muito calor. Solo rachado, alimento escasso. Tínhamos pouca comida e quase nenhuma água. A cisterna era longe.

Tínhamos três cachorros. O raposinha, o marrom e a narizinho.

Muito espertos, acostumados à vida na roça. Três bocas a mais. Eram como irmãos. Dividíamos a comida com eles. Em algumas épocas também eram “pele e osso”.

Às vezes acompanhava minha mãe para abastecermos a casa com água. Os cachorros sempre juntos conosco.

Era engraçado. Raposinha era um cão espiritualizado eu acho. Me olhava nos olhos, profundamente às vezes. Parecia entender tudo a sua volta.

Íamos em tantos lugares para podermos trazer toda água possível, para não necessitarmos ir com muita frequência. O restante do tempo estávamos na lavoura com o pai.

O que colhíamos, a maior parte, servia a nós mesmos. Lida dura a lida na roça. O sol parece queimar tudo. Pouca coisa sobrava da nossa colheita. Um pouco trocávamos por alimentos no mercado da cidade. Dava às vezes para alguns ovos ou carne seca, sal, açúcar e farinha. A mãe fazia as nossas misturas.

Éramos onze, mais ela e o pai e os três caninos. Me lembro bem. Muitas vezes o pai e a mãe nada comiam para que pudéssemos ter nossas refeições.

Eu era a mais velha, Julialva. A mais branquinha da família. Tínhamos o Josué, o José, a Joana, a Julia, o Jacson, o Juliandro, o Julio, o Jacó, a Josiane e a Joaquina. Marialva minha mãe e Ceniro, o pai.

Água escassa, comida pouca. Muito calor, muitas dificuldades. Papai dizia às vezes, depois que tomava uma água que não sabíamos o que era, que Deus havia nos esquecido, que morávamos no "fim da linha". Mamãe enchia os olhos de lágrimas e nos recolhia como um rebanho em torno dela e dizia ser mentira. Ninguém está longe dos olhos de Deus.

Brincávamos em frente a casa. Era um lugar longe de tudo. Nem vizinhos tínhamos. Como era um tanto deserto, inclusive da natureza, era tudo muito quieto.

Pássaros, víamos urubus, às vezes, lá no alto, rondando algo distante.

Barulho maior era o da algazarra nossa. Mas também, em onze? Brincadeiras não faltavam, mesmo com a dureza daquela vida.

Só bem ao longe víamos algumas árvores, uma aqui, outra ali, e uma linda árvore isolada próximo de casa. Dava frutas em certas épocas.

Meu pai dizia que lá nas árvores maiores, distante, era proibido, não era nosso mundo e quem foi para lá nunca mais voltou.

Eu via nos olhos curiosos de meus irmãos que um desafio se colocava. Acho que tinham vontade de aprontar...o medo os continha.

As noites sempre foram lindas, céu estrelado. Dava para ver muitos pontos cintilantes. E parecia que tinham jogado leite no céu.

Tinha dias que era difícil até dormir, parecia que Deus tinha acendido no céu muitas lanterninhas, tantas que alumiavam tudo. Brincávamos de contar estrelas e batizá-las.

Coisa de criança.

Não tínhamos geladeira, o fogão era a lenha mesmo. Móveis nem pensar. O pai fez alguns de madeira. Não eram confortáveis, mas o pai fez com tanto amor que nem dávamos bola para as dores na coluna.

Dormíamos todos no mesmo quarto, amontoados. Quando chovia ou fazia frio era bom. Nos esquentávamos uns aos outros.

O pai e a mãe dormiam no outro cômodo. Lá tinham uma cama. Nós não, só colchões e uns poucos ainda. Era uma briga a noite para ver quem ficaria nos colchões e quem acordaria com as costas doendo.

Algumas vezes uns de nós podiam dormir na cama. Geralmente quando tinha alguma doença, para ficar mais perto da mãe.

O banho era lá fora, um balde ligado na caixa d´água, água fria, e quando tinha. A maior parte era usada para fazer a comida. A mãe tinha que administrar bem, pois ficava muito longe a cisterna, no vilarejo de Céu Azul.

Não sabíamos e nem dávamos importância para os dias da semana. Todos os dias eram iguais mesmo! Vivíamos o dia e a noite que se sucediam.

Acho que por isso éramos mais felizes. Aprendemos a viver no agora, que é o momento que existe.

Eis a vida como ela se apresentava. Eu tinha sonhos maiores. Sonhava em sair dali. Nem todos os meus irmãos pensavam assim. A maioria não. Talvez eu fosse a única tão pretensiosa.

Meu pai ria de mim. Eu dizia que queria voar, ser livre, conhecer o mundo, chegar perto das estrelas. Meus irmãos também riam de mim. Diziam que o máximo que eu